



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

KATIANE BESSA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE E DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURSO DE
FORMAÇÃO DOCENTE: UM OLHAR A PARTIR DE CURSOS DE LICENCIATURA
EM BIOLOGIA**

Cruz das Almas-BA

2017

KATIANE BESSA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE E DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURSO DE
FORMAÇÃO DOCENTE: UM OLHAR A PARTIR DE CURSOS DE LICENCIATURA
EM BIOLOGIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
como requisito obrigatório para a obtenção do título de
Licenciado em Biologia.

Orientador: Prof.Me. Pedro Melo

Cruz das Almas-BA
2017

KATIANE BESSA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURSO DE
FORMAÇÃO DOCENTE: UM OLHAR NA LICENCIATURA EM BIOLOGIA DA UFRB**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção da conclusão da graduação, pela seguinte banca examinadora:

Cruz das Almas - BA, 10 de abril de 2017.

Pedro Nascimento Melo _____
Mestrado em Ecologia e Biomonitoramento, UFBA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Cristina Nascimento Givigi _____
Doutorado em Educação, UFES
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Susana Couto Pimentel _____
Doutorado em Educação, UFBA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus, que me presenteou com a vida. Ao meu marido Marcos, meu companheiro fiel em todo tempo. Aos meus filhos Davi, Pedro e Pérola a quem dedico meus dias. E aos meus pais Cleusa e Dorival por colocarem em mim vossa esperança. Amo vocês. Quero dizer-lhes que:
Venci! Aleluia.

AGRADECIMENTOS

- ❖ Ao meu Deus, o autor da vida. Quero dedicar-lhe meu coração e meu amor durante todos os dias de minha existência. Em seus braços tenho segurança. Obrigada, Senhor!
- ❖ Aos meus pais Dorival e Cleusa, por dedicarem as suas vidas para proporcionar a base dos meus estudos, mesmo em meio a tantas necessidades, vocês lutaram por mim. Devo minha vida a vocês. Estou aqui, porque me impulsionaram. Serei eternamente grata. Amo vocês de todo coração.
- ❖ Ao meu amor Marcos, meu melhor amigo, companheiro, “minha dupla”, ao meu marido que sempre esteve presente em todos os momentos desse percurso, acompanhando cada lágrima e cada sorriso. Estimulando-me e cuidando de nossos filhos, mesmo cansado, para que assim pudesse concluir esta etapa de minha vida. Obrigada por lutar comigo. Por isso, essa vitória também é sua. Amo-te, com amor duradouro!
- ❖ Aos meus filhos Davi, Pedro e Pérola. Ah, meus pequenos, vocês irão além! Hoje, mamãe abriu caminho para vocês passarem. Desejo que o conhecimento os acompanhe por todos os dias de vossa caminhada, que sejam felizes e servos do Senhor! Obrigada por me esperarem todas as noites, com sorrisos. Meu amor é de vocês!
- ❖ A minha vovó Anita, com seus 90 anos, e que desde o começo do curso me pergunta: “Quando você vai formar?”. O dia está chegando, vó! E muito obrigada por me levar e buscar na escola, durante muitos dias de minha infância. Saiba que comecei vencendo ali. Amo-te, vizinha!
- ❖ Aos meus irmãos Doriane, Danilson, Danilo, João e o pequeno José, vocês são meus amigos, meus amores! Toda minha luta também foi por vocês. Durante todo tempo considereirei o fato de ser inspiração aos vossos corações. Digo-lhes: Além de servir a Deus intensamente, o que vale a pena na vida é estudar! Saibam que nunca será tarde para isso! Obrigada por todo incentivo e pelo orgulho que sentem por mim. Farei jus a esse vínculo! Amo vocês!
- ❖ Aos meus sogrinhos Clodoaldo e Jaci a quem amo tanto. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada ajuda. Vocês são fundamentais na minha vida! Dedico-lhes meu coração. Amo demais!

- ❖ Ao meu cunhado Eliseu, meu concunhado Gustavo, pelas palavras de bênçãos e as minhas cunhadas Letícia e Adriana, por cada incentivo. Em especial a minha cunha Milena, minha parceira da Biologia e de profissão. Obrigada de coração, por cada ajuda, por cada dica. Meninas e meninos, vocês são importantes para mim. Obrigada por todo carinho e apoio. Meu amor também é de vocês!

- ❖ Aos meus sobrinhos lindos: Camila, Bernardo, Alice, Elias e Elisa. Amo vocês meus pimpolhos. E cresçam rumo ao conhecimento.

- ❖ Aos meus amigos e irmãos que formam o Ministério de Teatro Getsêmani da Primeira Igreja Batista em Cruz das Almas. A vocês, meu povo, meu muito obrigado. Agradeço, pois também fazem parte desta história. Obrigada por sempre torcerem e orarem por essa vitória. Ah, ela chegou! Não esqueçam: Amo cada um de vocês.

- ❖ Ao Colégio Montessori por me oportunizar, desde tenra idade, o início de minha vida profissional. Grande parte de minha história de vida foi escrita neste espaço que tanto acredito e considero. Muito Obrigada!

- ❖ Ao meu orientador Pedro Melo pela paciência e por ter aceitado o convite. E por ter me incentivado a encontrar o rumo certo de minha pesquisa. Dedico-lhe todo meu respeito. Fostes o docente que marcou minha história acadêmica, pelo exemplo de humildade e do bom coração. Deus abençoe sua família!

- ❖ A professora Rose Arruda por ter sido a primeira a ler a minha pesquisa mesmo estando debilitada naquele momento, dando-me um retorno imediato. Saiba que aquela resposta de e-mail foi o pontapé para me fazer acreditar que daria certo.

- ❖ A todos os meus colegas que passaram por minha vida acadêmica ao longo desses seis anos. Obrigada por compartilharem comigo das agruras e satisfações. Digo-lhes: Valeu a pena cada esforço.

- ❖ Aos mestres e doutores da Biologia, meus digníssimos professores. Agradeço por dedicarem vosso tempo ao ensino e à formação de novos profissionais. Prometo esforçar-me todos os dias para ser boa referência do resultado do trabalho de cada um de vocês.

A todos, muito obrigada.
Deus abençoe vocês!

“Intentamos que nossas reflexões sirvam como trincheiras de lutas e conquistas políticas e educacionais emancipatórias.”

Giseli Gagliotto

RESUMO

A Sexualidade está associada à vida, sensações, sentimentos e emoções relacionados ao prazer. Quando presente em discursos e reflexões que valorizem a totalização do sujeito, manifesta-se como sendo Educação Sexual, portanto, não se pode ignorá-la, principalmente nas instituições de ensino. Diante disso, pretende-se versar, sobre a abordagem da Educação Sexual desde os primórdios do discurso da Sexualidade nos parâmetros sociais, perpassando o âmbito escolar e adentrando os cursos de formação docente, centrando nosso olhar na Licenciatura em Biologia por meio da análise de ementários de cinco principais universidades estaduais e federais do estado da Bahia, a saber: UFBA, UFRB, UESC, UNEB e UEFS. Esta Pesquisa Bibliográfica possui caráter exploratório e qualitativo, onde a seleção dos estudos e a interpretação das informações obtidas foram sujeitas à subjetividade da autora. Aqui, nos deparamos com o romper do discurso sobre a Sexualidade em meio às repressões e pudores existentes em diferentes épocas até à sua inserção, mesmo que deficitária, nos documentos oficiais no século passado e a frustração que estes trouxeram ao não conceder ao tema um maior destaque no currículo atual. Em meio a tantas instâncias, as conversações a respeito da Sexualidade se alastraram principalmente nos ambientes escolares, tornando-se nítido a importância de sua inserção no discurso da educação, porém de forma qualificada. Após este estudo, torna-se imprescindível uma melhor atenção na preparação docente, ainda em formação, para abordagem da Sexualidade, principalmente, no exercício da função de professor/professora de Ciências e Biologia, a fim de que se tornem aptos a tratar o tema sob a concepção de uma Educação Sexual Emancipatória.

Palavras-chaves: Sexualidade. Educação Sexual. Formação Docente. Emancipatória

ABSTRACT

Sexuality is associated with life, sensations, feelings, and emotions related to pleasure. When present in speeches and reflections that value the totalization of the subject, it manifests itself as Sexual Education, therefore, it can not be ignored, especially in educational institutions. In view of this, we intend to deal with the approach of Sexual Education from the beginning of the discourse of Sexuality on social parameters, going through the school and entering the teacher training courses, focusing our attention on the Degree in Biology through the analysis of placements Of five state and federal universities in the state of Bahia, namely: UFBA, UFRB, UESC, UNEB and UEFS. This bibliographic research has an exploratory and qualitative character, where the selection of the studies and the interpretation of the information obtained were subject to the subjectivity of the author. Here we are confronted with the rupture of the Discourse on Sexuality in the midst of the repressions and modesty that existed at different times until its insertion, even if deficient, in official documents in the last century, and the frustration they brought in not giving the theme a " Place of honor "in the current curriculum. In the midst of so many instances, the discussions about Sexuality have spread mainly in school environments, making clear the importance of their insertion in the discourse of education, but in a qualified way. After this study, a better attention is required in the preparation of teachers, still in training, to approach Sexuality, especially in the exercise of the role of teacher / professor of Science and Biology, so that they become able to deal with the theme Under the conception of an Emancipatory Sexual Education.

Keywords: Sexuality. Sexual Education. Teacher Training. Emancipatory

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC-Base Nacional Curricular Comum

CCAAB - Centro de Ciências, Agrárias, Ambientais e Biológicas

DCN- Diretrizes Nacionais Curriculares

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

Obr. (abreviatura).- Obrigatória

Op. (abreviatura)- Optativa

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE- Plano Nacional de Educação

PPC - Projeto Pedagógico Curricular

PPP- Projeto Político Pedagógico

SISU- Sistema de Seleção Unificada

UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana

UESC- Universidade Estadual de Santa Cruz

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNEB- Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

1 O “NASCIMENTO” DO TEMA NORTEADOR E A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	12
2 SEXUALIDADE: PRIMÓRDIOS DO DISCURSO.....	19
2.1 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR.....	23
3 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: Dos PCNs (1997) à nova BNCC (2015-2016)	28
3.1 O DISCURSO DA SEXUALIDADE NOS PCNS (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS)	28
3.2 O DISCURSO DA SEXUALIDADE NA BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR)	32
4 A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DA LICENCIATURA: Formação de professores de Ciências e Biologia.....	37
4.1 AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A ABORDAGEM SOBRE SEXUALIDADE.....	42
4.2 UM OLHAR NA LICENCIATURA EM BIOLOGIA DA UFRB	43
5. REFLEXÕES FINAIS: POR UM DISCURSO DE SEXUALIDADE EMANCIPATÓRIA	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	

1. O “NASCIMENTO” DO TEMA NORTEADOR E A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Uma estudante de Licenciatura em Biologia, em contato com uma turma de alunos do 8º ano de um determinado colégio particular de sua cidade, depara-se com o próximo conteúdo de sua aula: Sistema Reprodutor. Estaria enfrentando pela primeira vez esta abordagem numa turma de adolescentes. Este era o assunto mais ansiado por eles. Já estavam à espera do dia que iniciaria este conteúdo, afinal, talvez ouvissem o que queriam saber.

A estudante, ali na função de professora, iniciou sua aula entregando pedaços de papéis aos alunos e colocando uma caixa no centro da sala para que os mesmos escrevessem os seus questionamentos a respeito do Sistema Reprodutor e depositassem na caixa, anonimamente. A intenção era a realização de uma sondagem com a turma e, a partir de suas dúvidas, começar a aula.

Não deu outra! Os burburinhos começaram a serem ouvidos seguidos das gargalhadas. Os que estavam sentados próximos e tinham afinidade, investiram sua atenção para elaborarem suas perguntas, que por sinal, foram mais de uma. Alguns, por sua vez, escondiam o papel com o corpo debruçando-se ao máximo, para ali redigir sua pergunta sem que ninguém “tomasse parte”. Outros mudaram a letra, amassou o papel o quanto possível e pediram ao colega mais desinibido para levar sua pergunta à caixa. Não faltaram aqueles que se recusaram a escrever por não saberem como perguntar, afinal, era a professora quem estava ali! Como exporiam suas dúvidas sobre um assunto tão “indiscreto” sem perder “o pudor”?

Após esse momento, foi a vez da professora envermelhar-se. “Por que fiz isso?” Pensou ela consigo mesma, logo quando abriu e leu os primeiros papéis com as perguntas dos adolescentes. Estas, para sua surpresa, estavam longe de serem perguntas sobre a anatomia do sistema reprodutor. Uma enxurrada de questões sexuais vindas das mentes mais curiosas que ela já havia se deparado:

“O que é siririca?”

“Quantos pênis cabem numa vagina?”

“O que é orgasmo?”

“Pode fazer sexo com mais de uma pessoa ao mesmo tempo?”

“O que é boquete?”

“Explique sobre o sexo anal”

“Pode ejacular dentro da boca”

“Por que o pênis fica duro quando vejo coisas ousadas?”

“Com quantos anos pode fazer sexo?”

E agora? O desejo da professora era fugir daquele bombardeio que ela mesma incitou. “Epa! Não fui preparada para isto!” Pensou ela, enquanto tremia diante de uma plateia ansiosa para ouvir a leitura das perguntas e o desenrolar das respostas. A turma estava numa expectativa imensa, como se a professora fosse “cair” numa pegadinha. Ela, por sua vez, estava em pânico! Mas, começou a disfarçar. E disfarçou bem. Escondeu a vergonha e constrangimento e agindo o mais natural possível deu início à leitura das perguntas, uma a uma.

De repente, como uma “jogada de mestre”, ela devolvia à turma as questões apresentadas para que respondessem uns aos outros. Ela contribuía e intervia quando necessário, mas eles mesmos compartilhavam sobre o que já sabiam. Num instante, a maioria que falava, estava levando à sério aquele momento. Numa tentativa de mostrar aos colegas o máximo do que sabiam sobre o assunto, se fizeram excelentes comunicadores.

A aula foi uma enxurrada de ideias e opiniões a respeito da Sexualidade humana a partir dos parâmetros sociais. E os slides do corpo humano contendo os órgãos sexuais internos e externos, masculino e feminino, com a nomeação de estruturas e suas respectivas funções ficaram em segundo plano, o que eles queriam era que todas as suas perguntas fossem comentadas. Estavam empolgados com aquele momento e em meio a gargalhadas e sudoreses, estavam todos participando de uma conversa sobre “aquilo”. As perguntas que eram anônimas começaram a receber seus autores e novas perguntas surgiam como tópico para discussão, sem mesmo terem sido escritas.

A cena daquela aula se encerra com opiniões maravilhosas sobre a vida, sendo expressas por àqueles que “não a conheciam”, ao menos era o que se pensava. O excesso de adrenalina na

professora havia diminuído, ela passou por aquele momento desafiador, mas ficou a se perguntar: “Quem me preparou para este momento?” Ninguém. Talvez aquela experiência tenha sido seu primeiro preparo. “Mas, ninguém me avisou que esperariam tanto da professora de Ciências!” Pensou ela, ainda recobrando as forças perdidas naquele “bombardeio”. Indagava-se: “Será que agi certo?” Ela não sabia. Mas, ficou a satisfação em saber que eles falaram. Todos interagiram de algum modo!

Porém, um novo problema: Tinha um cronograma que ela não cumpriu. Atropelou a anatomia e a fisiologia humana, ao menos da forma que era “necessário” tratar o assunto, pois tinham atividades no livro “caro” que precisavam ser feitas. As aulas seguintes não permitiram maiores surpresas. Voltou-se ao cronograma. Para os alunos, voltou-se à apatia. Queriam falar mais sobre a vida em sua prática. O tempo curto cortou as asas de quem queria voar e ficaram as lembranças daquele dia.

A professora, ainda estudante, experimentou desse momento inusitado e se questionou: “Será que outros colegas de profissão passaram ou passarão por isso? Como o professor de Ciências tem sido preparado para enfrentar este encontro com o discurso sobre Sexualidade em suas aulas?”

Havia surgido nela uma milícia: A seriedade do assunto requereria maior atenção pelos cursos de formação docente. Isto significa que, ao abordar a Sexualidade apenas no aspecto biológico, a reduz em algo meramente palpável e como parte menos importante. O que na verdade, não o é. A Sexualidade é indissociável à vida. Suas manifestações são contínuas e diversas, presentes com diferentes intensidades desde o nascimento até a fase senil. Não dá para ignorá-la em ambiente algum, muito menos “colocá-la para fora da sala de aula”, ainda mais nas aulas de Ciências e Biologia, quando “o público curioso”, aguarda ansiosamente pela oportunidade de transformar as sensações da vida em discurso. Concluiu reflexiva e daquele episódio nasceu uma pesquisa.

A história contada trata-se de um relato da autora, no exato momento em que surgiu a inspiração para o desenvolvimento desta pesquisa. O contato direto com a realidade que espera o docente de Ciências e Biologia quanto à vontade de saber dos adolescentes e jovens a respeito da Sexualidade humana, está para além das questões anatômicas e fisiológicas do Sistema

Reprodutor. Para se atender a este anseio pelo discurso aberto sobre questões sexuais do cotidiano, dentro da sala de aula e, principalmente, nas aulas de Ciências e Biologia, faz-se necessário uma preparação docente mais abrangente que englobe as concepções biopsicossociais da Sexualidade, emancipando-a.

Diante das inquietações na existência de tantos tabus, do despreparo docente, e das barreiras no discurso quando se trata deste tema, surgiu o desejo por saber mais sobre os primórdios do discurso da Sexualidade na história da sociedade brasileira e sua inserção no âmbito escolar. Durante estudos dos trabalhos de autores como Michel Foucault (2015), Guacira Louro (2013;2016), Gisele Gagliotto (2014), Bonfim (2009) e outros, o que se percebeu foi o jogo de poderes em que os dominadores utilizavam do discurso manipulado sobre a Sexualidade para manter suas hegemonias. Ao longo da história, desde a religião à ciência, a Sexualidade vem sendo abordada ou reprimida a fim de atender às necessidades das épocas.

O ambiente escolar foi (e é) reflexo desta realidade, usado como dispensa de atribuições para atender aos objetivos políticos, econômicos e sociais. Desta forma, o discurso da Sexualidade no contexto escolar passou por oscilações seguindo ao ritmo das épocas. Ora sofrendo repressões, ora sendo incitado. Destacou-se neste estudo, o período de inserção e incitação ao discurso deste tema no ambiente escolar no final da década de 1990, quando, pela primeira vez na história da educação, a Sexualidade estava fazendo parte dos documentos oficiais, tendo como nomenclatura o tema transversal Orientação Sexual, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Vale salientar que, esta iniciativa foi resultado de muitos esforços de professores e estudiosos do tema, após muitos episódios de repressão da Sexualidade na educação. Embora se considere boa a intenção de tratar o assunto com caráter de transversalidade, o mesmo não foi suficiente para atender a demanda real do discurso da Sexualidade sob à ótica de concepção emancipatória. Além do mais, a falta de preparação nos cursos de formação docente só aumentou a carência na formulação de abordagens satisfatórias, não preconceituosas e reflexivas.

Seguindo o percurso da pesquisa no âmbito educacional, após reflexões a respeito da proposta apresentada nos PCNs (1997), analisou-se a proposta preliminar da nova Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) elaborada entre 2015 e 2016 que surgiu com intuito de esclarecer sobre os conhecimentos essenciais que os estudantes brasileiros deverão ter acesso e assim ajudar na construção do currículo. No entanto, embora se tenha traçado na BNCC os conhecimentos essenciais, ficou evidente um retrocesso na abordagem do tema Sexualidade. Nos PCNs, este tem seu espaço, como tema transversal, já na nova BNCC, nos temas integradores (sugestão de nova nomenclatura para os temas transversais) não contém nenhuma abordagem que esteja relacionada a Educação/Orientação Sexual.

Após sair do cenário da Educação Básica em seus discursos sobre Sexualidade, concentrou-se as atenções no discurso do mesmo durante a formação docente, especificamente na Licenciatura em Biologia, dando ênfase no curso de licenciatura da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É imprescindível enfatizar o tratamento da temática nos cursos de formação docente, em destaque, do professor de Ciências e Biologia, afinal são estes que, nas duas últimas décadas, segundo Bonfim (2009, p.21) “tem sido um dos principais responsáveis para informar sobre a Sexualidade na escola [...], no entanto, lhes falta preparo”.

Dessa forma, fez-se uma análise nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Licenciados em Ciências Biológicas, fazendo considerações no que tange a pouca atenção que é dada ao tema Sexualidade nos documentos oficiais de orientação das licenciaturas.

Por conseguinte, ao se traçar esse afinilamento do percurso da pesquisa, chegou-se ao estudo da Sexualidade no curso de formação de professores de Ciências e Biologia, para isso, foi analisado o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Biologia da UFRB, relacionando às análises documentais dos ementários de outras licenciaturas em Ciências biológicas presentes nas principais universidades estaduais e federais da Bahia, a saber: UFBA, UNEB, UEFS e UESC. Desse modo, foram feitas importantes reflexões sobre as formas de abordagens e a ênfase dada à Sexualidade no currículo de formação docente de Ciências e Biologia.

Salientou-se o curso de Licenciatura em Biologia da UFRB, por ser este o local de formação da autora da pesquisa, portanto, buscou-se por uma melhoria na abordagem da Sexualidade na realidade da educação local.

Este trabalho traz contribuições a partir da vivência relatada nos primeiros parágrafos desta pesquisa fundamentando-a aos estudos relacionados quanto à importância da inserção de um discurso emancipatório da Sexualidade durante a formação docente, o que possivelmente, ecoará de forma positiva na prática profissional.

Frente ao exposto, são os seguintes dos objetivos desta pesquisa:

- Refletir sobre como se deu a inserção do discurso sobre a Sexualidade e Educação Sexual no contexto social;
- Identificar como a Educação Sexual tem sido tratada nos documentos oficiais para a educação brasileira;
- Analisar qual tem sido a ênfase dada à Sexualidade a partir de cursos de formação de professores, de Ciências e Biologia;
- Caracterizar a Licenciatura em Biologia da UFRB e sua abordagem ao tema Sexualidade.

Portanto, pretendemos versar, sobre a abordagem da Educação Sexual desde os primórdios do discurso da Sexualidade nos parâmetros sociais, perpassando o âmbito escolar e adentrando os cursos de formação docente, centrando nosso olhar na Licenciatura em Biologia. Para isso, o texto que aqui se apresenta está subdividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “O nascimento do tema norteador e a trajetória da pesquisa” apresenta como se deu o interesse para este estudo, a partir do relato de uma vivência.

O segundo capítulo, intitulado “Sexualidade: primórdios do discurso” tem por finalidade discutir a inserção da Educação Sexual no contexto social. O terceiro capítulo, intitulado “Sexualidade e Educação Sexual: dos PCNS (1997) à nova BNCC (2015-2016)” aborda sobre a evidência dada aos estudos da Sexualidade e Educação Sexual nos documentos oficiais de educação, desde seus impasses, avanços e retrocessos ao longo da história.

O quarto capítulo intitulado “A Sexualidade e Educação Sexual no contexto da Licenciatura: formação de professores de Ciências e Biologia” trata sobre a ênfase que é dada a esses conceitos nos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia a partir da análise de ementários das universidades UFBA, UFRB, UESC, UEFS e UNEB classificando os tipos de abordagens

como sendo Direta ou Indireta conforme os padrões de análise do autor César Nunes (*apud* Gagliotto, 2014 p. 40-45).

Em seguida, a pesquisa encaminhou-se a correlacionar o tema Educação Sexual às Diretrizes Curriculares Nacionais aos cursos de formação de licenciados, especificando a Licenciatura em Biologia da UFRB, quanto sua possível inserção ao currículo. Por sua vez, o quinto capítulo “Por um discurso de Sexualidade Emancipatória”, apresenta as considerações finais e reflexões que remetem a importância de se tratar do tema de forma que vise a totalização do sujeito, mesmo embora, existam inúmeros obstáculos para o alcance deste princípio.

Convido o leitor se debruçar na leitura desta pesquisa de cunho monográfico a qual consiste numa Pesquisa Bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo, onde a seleção dos estudos e a interpretação das informações obtidas foram sujeitas à subjetividade da autora. Para, a partir de seus resultados e reflexões, propor ressignificações quanto ao tratamento do tema Sexualidade nos cursos de formação docente, com ênfase na Licenciatura em Biologia, com base numa perspectiva da emancipação da Sexualidade.

2. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: PRIMÓRDIOS DO DISCURSO

Para iniciarmos nosso diálogo sobre a história da Sexualidade, tomaremos como base, as contribuições de Louro (2016, p.43) sobre a conceptualização do termo, para ela, a Sexualidade trata-se de “uma descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas”, o que segundo o autor Michel Foucault corresponde ao “corpo e seus prazeres” (FOUCAULT, 2015).

Sendo esta, compreendida como uma questão “não apenas pessoal, mas social e política, que também é aprendida, ou melhor, construída, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 2016, p.31) o que seria uma concepção emancipatória da Sexualidade (GAGLIOTTO, 2014 p.115). Quando a Sexualidade incorpora os discursos e reflexões que a valorizem a visão de totalização do sujeito, manifesta-se como sendo Educação Sexual. Estes conceitos atuais sobre a Sexualidade nem sempre regiam o campo das ideias, portanto, pretende-se começar esse estudo averiguando como se deu os primórdios do discurso sobre a Sexualidade no processo de formação da sociedade brasileira com as suas heranças sociais.

Ao longo da história, falar sobre sexo e seus prazeres era considerado um assunto promíscuo e subvertido, e por isso, enfrentou desafios para sua inserção nos discursos.

O mito e o tabu de uma Sexualidade velada estão presentes nas representações contemporâneas das sociedades ocidentais e igualmente da cultura do povo brasileiro. A acidentalidade criou um modo de ser e pensar o sexo e a Sexualidade baseada numa cultura cristã e construiu uma *scientia sexualis*, ou seja, uma ciência sexual, determinada pela vontade de tudo saber sobre o sexo para melhor controlá-lo. Foucault (*apud* GAGLIOTTO, 2014, p.27)

As raízes sociais que embasaram os discursos de Sexualidade no Brasil foram construídas mediante as misturas de etnias, a saber, índios, africanos e europeus cada uma com sua maneira de refletir e viver a Sexualidade. Os índios a vivenciava com liberdade, sem censuras, tendo o sexo como parte integrada e associada à vida (GAGLIOTTO, 2014 p. 29). Os negros, agregados a esta nova sociedade em formação no século XVI, também não considerava o sexo uma “transgressão moral”, sendo estas visões contrárias à dos europeus.

A influência da igreja católica europeia iniciando uma Educação Sexual repressora foi transformando a ideia de liberdade sexual em “pecado moral” (GAGLIOTTO, 2014 p.29). Desde os séculos XVI e XVII, segundo Foucault (2015), as inúmeras tentativas de repressão à manifestação da Sexualidade, eram evidentes no contexto da sociedade.

As ações de repressão, por vezes, partiam da pastoral cristã em consolidação dos padrões ditos religiosos, como contribui Gagliotto (2014, p. 31) “Quando a igreja entra no cenário, com suas visitas inquisitoriais, a Sexualidade confunde-se com o casamento, legitimando-se nele. O sexo era tolerado somente para procriação”,

No entanto, quanto mais se reprimia, mais o discurso era incitado. Conforme Foucault (2015 pág. 11) “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar sobre ele e de sua repressão possuía (ou possui) como um ar de transgressão deliberada.” Os inquisidores praticavam a “pedagogia do medo” obtendo arrependimentos (confissões) introduzindo uma espécie de exame de consciência coletivo o que elevava a moral católica para além das moralidades coloniais e desejos particulares dos indivíduos (GAGLIOTTO, 2014, p.33)

Sendo assim, os primeiros discursos sobre Sexualidade presentes na sociedade do século XVI, dizem respeito às confissões realizadas nos ambientes religiosos. Segundo tradições católicas, o desejo “carnal” deveria ser reprimido e anulado dos pensamentos e das ações daqueles considerados fiéis. Para que isso ocorresse, era necessária a confissão periódica à classe sacerdotal dos atos e desejos sexuais secretos. “A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra” (FOUCAULT, 2015, pág.23).

As repressões à Sexualidade e suas manifestações se contrapunham às iniciações ao discurso decorrente do ato de confessar. Desse modo, surgem os primeiros discursos sobre a Sexualidade, de maneira um tanto quanto irônica, onde na tentativa de repressão surge à conversação.

Em contrapartida, diante de todo cenário para conter a manifestação da Sexualidade, este foi um período de grande “hipocrisia moral”, conforme estudos da autora Louro (2016, p.52), “os indivíduos e a sociedade aparentavam respeitabilidade, mas faziam algo bem diverso. A Sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar ‘a pureza’, mas ao mesmo tempo, a prostituição era abundante.” Os homens da elite da época tinham suas esposas para procriação, criação dos filhos, organização dos afazeres domésticos, mas quando buscavam os “prazeres carnaís”, preferiam as negras e índias como afirma Maria José Werebe (*apud* BONFIM (2009 p.38):

Só se admitia o desejo e o prazer sexual para a prostituta, para as mulheres de classes pobres (brancas, índias, negras ou mestiças), o que as fazia serem a companheira sexual preferida do homem branco. A esposa - espanhola ou portuguesa – embora ocupasse posição social ‘superior’, era confinada a um mundo ‘antisssexual’, devendo consagrar-se à vida familiar, ao cuidado dos filhos e à administração da casa e dos empregados. A Sexualidade, para ela, resumia-se no desempenho da função de reprodução da raça, enquanto que a negra, a índia ou a mestiça colocavam-se do lado da satisfação puramente sexual do homem.

Os séculos XVI e XVII caracterizaram-se pelas tentativas de repressão e silenciamento da Sexualidade. Foucault (2015, p.29) afirma que, a partir do século XVIII, a “população” torna-se um problema econômico e político. A preocupação com a Sexualidade advém da então necessidade de controle sobre “a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato e das interdições, a incidência das práticas contraceptivas.” Esta é a primeira vez que uma sociedade afirma que seu progresso e desenvolvimento dependem da vida sexual vivenciada por cada indivíduo.

Para atender tais fins e mais outros, entra em cena o discurso da Sexualidade sob a ótica da medicina, justificando-se na tentativa benéfica de diminuir a prostituição e realizar o controle das doenças venéreas, hoje nomeadas de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Porém, o discurso dito científico, a partir deste ponto na história, não falava sobre o sexo em si, mas “referia-se, sobretudo as aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas” (FOUCAULT, 2015, p. 59) o que, segundo o mesmo autor, seria uma “ciência subordinada aos imperativos de uma moral” camuflada de normas médicas.

No final do século XIX a medicina defendia a opinião dominante da época, usava o discurso da Sexualidade não mais para repressão como fazia o clero, mas com o intuito de regular e controlar o sexo para atender a fins políticos, sociais e econômicos. Neste período, segundo Bonfim (2009, p. 43) houve “a transição entre o que era considerado pecado, para concepção de doença”. Os interesses do discurso da Sexualidade pautados na abordagem da medicina, no referido século, constituíam-se da seguinte maneira:

[...]reivindicava outros poderes, arvorava-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas de assepsia, os grandes mitos evolucionistas às modernas instituições de saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de tara, os degenerados e as populações abastardas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então eminentes. E os fundamentava como verdade. (FOUCAULT, 2015, p.60)

Os discursos pretensamente liberadores da Sexualidade merecem atenção, pois conforme explícito na citação, houve intenções para inserção do discurso que foram movidos por mecanismos sutis e sofisticados buscando a normatização e controle sobre a Sexualidade. (FOUCAULT, 2015) Objetivos estes que não diferiram aos da clerical.

No século XX, a modernização da vida brasileira resultou na modernização da vida sexual, passando a ser debatido publicamente como informações de cunho científico, pautados na medicina e higiene do corpo. As décadas de 70 e 80 foram inovadoras, pois a implantação de serviços de ginecologia infanto-puberal, de serviços de assistência ao adolescente, bem como, a criação de instituições ou órgãos voltados para Sexualidade favoreceram às experiências em Educação Sexual na área da saúde. Conforme Figueiró (1996, p.53) durante esse período em nosso país, “se pôde constatar uma participação mais efetiva de grande número de profissionais da área da saúde, em especial de médicos, no desenvolvimento de trabalhos de Educação Sexual, bem como na organização de eventos e discussões sobre o assunto”

Vimos o desenrolar do discurso sobre Sexualidade ao longo da história, e os interesses econômicos e políticos que a trouxeram à tona. Quanto a esse aspecto, o autor Foucault delibera

um questionamento que nos faz refletir a respeito da história da Sexualidade e seus reais objetivos nos discursos, ele indaga:

Toda essa atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da Sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma Sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora? (FOUCAULT, 2015, pág.40)

Não podemos negar os interesses concomitantes que regeram a implantação do discurso sobre o sexo no contexto social, econômico e político. O que se percebe nos dias hodiernos é a preocupação deliberada quanto à Sexualidade, seu polimorfismo, e a amplitude dos discursos permeando todos os ambientes e explorando, cada vez mais, as áreas do conhecimento humano. Trataremos mais adiante sobre a implantação do estudo da Sexualidade no currículo escolar como o tema transversal Orientação Sexual e as intenções políticas e econômicas atuais que orquestraram tais estratégias

2.1. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

As repressões ao discurso sobre a Sexualidade, como explanado nas linhas anteriores desta pesquisa, permearam o ambiente social repercutindo no âmbito escolar. Considerando o século XVIII, como ponto de partida para nossas percepções quanto à abordagem desta temática no ambiente escolar, vale atentar-se, a começar, na estrutura dos colégios da época, voltada para suprimir qualquer evidência dada à Sexualidade, mas que na verdade, apenas a evidenciava. Conforme explicita Foucault (2015, pág. 31),

Consideremos os colégios do século XVIII, visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí praticamente não se fala de sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda organização interior: lá se trata continuamente do sexo.

As escolas refletiam os padrões sociais da época. Eram separadas as alas feminina e masculina; os uniformes ditos “decentes” propunham um corpo disciplinado sexualmente; os meninos ensinados a serem homens com seus atributos de força e insensibilidade e as meninas educadas a

serem dóceis, gentis, a obedecer e pedir licença a se portar de forma “civilizada” e discreta. “Os regulamentos elaborados para vigilância nos colégios fala de maneira mais prolixa da Sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 2015, p.31). Ali, o objetivo era prepara-los para o casamento e a vida familiar sem “promiscuidades”. Para atingir tais objetivos, evitava-se o discurso livre sobre a Sexualidade no ambiente escolar, qualquer menção feita a esse respeito, era com o intuito de “educar o corpo” de forma a evitar o despertamento da Sexualidade e suas depravações.

Entretanto, surge como necessidade a implementação do discurso da Sexualidade no âmbito escolar, não visando apenas o bem-estar do indivíduo e a plenitude de seu desenvolvimento, mas sim, para atender questões políticas, econômicas e sociais. Como afirma a autora Helena Altmann (2001, p.576)

“a Sexualidade é um ‘negócio de estado’, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade” (ALTMANN, 2001 p.576)

Surge então, no século XVIII, a “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.” (FOUCAULT, 2015, pág.28). A instituição pedagógica concentrou as formas de discurso neste tema “pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades, os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos [...]” (FOUCAULT, 2015, pág.33).

Na metade do século XIX, forçadamente, devido à expansão de epidemias, como a cólera e o tifo, houve uma preocupação quanto às superpovoação das cidades, neste período intensificaram os debates sobre a Sexualidade, em busca de melhorias nas questões de saúde e moralidade pessoal, já que, de acordo com Louro (2016 pág. 53), “muitas pessoas viam na decadência moral um símbolo da decadência social”. Além disso, nesta mesma época, havia uma necessidade do discurso com intuito da propagação do planejamento familiar embasado pelo racismo florescente,

“visto que os políticos temiam uma degradação da população, possibilitando o domínio das ‘raças inferiores’ “(LOURO, 2016)

O discurso sobre Sexualidade ao adentrar as escolas de forma aberta tinha a pretensão de ampliar as relações de poder no controle social feito pelo Estado. Conforme Foucault (2015)

falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem e elas, ora falam delas, impondo-lhe conhecimentos canônicos, ou formando a partir delas, um saber que lhes escapa, tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação dos discursos (FOUCAULT, 2015,p.33)

No século XX ocorre a consolidação do discurso sobre a Sexualidade quanto à abordagem pedagógica de Educação Sexual, como sugere Bonfim (2009), “podemos dizer que a Educação Sexual no Brasil, surge no século XX, pautada no reducionismo da concepção médico-higienista-biologista, o qual influencia a política educacional brasileira até hoje.” (BONFIM, 2009, p.40). A autora Figueiró em sua dissertação de mestrado em que aborda a Educação Sexual no Brasil: o estado da arte de 1980 a 1993, contribui que é no início do século citado que trabalhos de Educação Sexual foram desenvolvidos nas escolas brasileiras, além de citar os registros de manifestações que apontavam para a necessidade de programas de Educação Sexual, desde aquela época, referindo-se aos trabalhos de Barroso, Bruschini,1982; Rosemberg,1985; Werege,1978. (FIGUEIRÓ,1996,p.53)

De acordo com estudos de Gagliotto (2014, p.42), neste período de iniciação à abordagem institucional sobre Educação Sexual no Brasil, “havia uma preocupação social moralizante, que sempre foi o motor das iniciativas institucionais de Educação Sexual no Brasil”, sendo este, um fator característico da inserção da Sexualidade no discurso e em seus aspectos.

Vale destacar os estudos dos autores Nunes e Silva (*apud* GAGLIOTTO 2014) quanto aos diferentes modelos de abordagem da Educação Sexual ao longo do século XX, suas características e obstáculos encontrados no percurso, onde altos e baixos estiveram nítidos. Para esta explanação, transformamos as informações contidas nas análises de Gagliotto (2014, p.43-49) em uma tabela (TABELA 1) contendo as décadas referentes a cada modelo de abordagem

educacional da Sexualidade no Brasil durante o século em questão. Como também, destacamos esses modelos de abordagens da Educação Sexual, designados nas seguintes categorias: *normativa e perenética, médico-biologista, terapêutico-descompressiva; normativo-institucional; consumista- quantitativo* de acordo com Nunes e Silva (*apud* GAGLIOTTO, 2014)

DÉCADA (SÉCULO XX)	ABORDAGEM EDUCACIONAL DA SEXUALIDADE	CARACTERÍSTICA DA ABORDAGEM	CLASSIFICAÇÃO DA ABORDAGEM SEGUNDO NUNES E SILVA(2000) apud GAGLIOTTO (2014)
1950	Frieza e indiferença quanto a abordagem no currículo escolar	Considerava a Sexualidade questão familiar ou um conjunto de higiene social controlado pela medicina.	Início da <i>Normativa e Perenética</i> (aconselhamentos religiosos e discurso médico inibindo a Sexualidade).
1960	Iniciativas da implantação da Educação Sexual em colégios do RJ e MG	Projetos curriculares destacando o aparelho reprodutor com as características sexuais com linguagem científica restrita	<i>Normativa e Perenética</i>
1970	Muita censura devido ao fechamento político. Experiências localizadas.	Características do aparelho reprodutor e suas funções sexuais reprodutivas com abordagem higienistas e médico- profilática.	<i>Médico-biologista</i> (descrições das funções procriativas com nuances conservadoras descritivas, formalistas e receituárias.
1980	Implantação de projetos e oficinas pedagógicas no estado de SP.	Proliferação da AIDS e ampliação no discurso sobre Sexualidade nos meios de comunicação.	<i>Terapêutico-descompressivo</i> (modernização conservadora da sociedade e novo papel de agente educativo centrados na televisão e suas formas de influência comportamental.
1990	A mídia como “agente educativo” modela os padrões que suscita um repensar na Educação Sexual nas instituições escolares.	A presença da mídia transforma a Sexualidade em objeto de consumo, mercantilizando o corpo e apregoando sensualidade estereotipada, desafiando a escola a contrapor-se.	<i>Consumista-quantitativo</i> (Modelo dominante que evidencia as práticas sexuais compensatórias, reificadas, quantitativas e desumanizadas.

TABELA 1: Análise das iniciativas institucionais de abordagens da Educação Sexual no século XX, a partir da década de 1950, segundo o autor Nunes e Silva(2000) apud Gagliotto (2014)- (Elaboração: BESSA, Katiane, 2017)

Percebe-se, conforme análise das descrições na TABELA 1 a ausência de uma linearidade específica e os impasses decorrentes das iniciativas da abordagem da Sexualidade nas instituições brasileiras de ensino. Percebe-se que, na década de 70, houve a quebra no ritmo do discurso, como expõe Guimarães “O início da década de 70 caracterizou-se por um retrocesso ao puritanismo fechado e aumento da censura. Não havia uma lei proibindo a Educação Sexual, porém, temerosos administradores escolares esvaziaram os programas em escolas públicas” (1995, p. 66).

Houve uma escassez no discurso e publicações pela repressão político-cultural que passou a sociedade brasileira sob total dependência da ditadura militar (FIGUEIRÓ, 1995 p.53), diferentemente, as décadas de 80 e os anos 1990, caracterizaram-se como sendo o período de reabertura política e amplitude no discurso com desenvolvimento de publicações acadêmicas e científicas sobre a Educação Sexual (GAGLIOTTO, 2014 p.48).

Segundo as análises dos estudos de Nunes e Silva (2000) feito pela autora Gagliotto (2014) a década de 90, caracteriza-se por um novo perfil social em que ocorre a banalização do sexo de forma a invadir os meios de comunicação em massa onde a Sexualidade torna-se consumo e mercantilização através de filmes pornográficos, novelas, propagandas. Este tipo de abordagem não esta presente nas escolas, mas “na mentalidade social dominante” (GAGLIOTTO, 2014 p.57) e invade o campo das ideias dos alunos que ali adentram.

3. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL: Dos PCNs (1997) à nova BNCC (2015-2016)

Neste capítulo nos atemos a expor o percurso da Educação Sexual, desde o fim do século XX até as abordagens da temática no século vigente. O trajeto da Educação Sexual no contexto escolar continua apresentando-se com avanços e impasses. Cada medida política, econômica e social, tomada ao longo da história, trazem oscilações que impedem a estabilidade no discurso sobre a Sexualidade na formação do indivíduo.

Vimos no capítulo anterior, de forma resumida, os êxitos e percalços nas tentativas de se fazer menção ao tema Sexualidade nos diferentes espaços, ao longo do século passado. Só após muita luta de professores e pesquisadores nesta área, é que foram conseguidos avanços significativos, como o fato de incluir o discurso da Sexualidade nas reformas educacionais ocorridas no final do século XX. Como contribui Gagliotto (2014 p.48) “Todas as reformas educacionais advindas da promulgação da nova LDBEN/9394/96 e a orientação educacional assumida no contexto dos temas transversais, propostos pelos novos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) no ano de 1997, caracterizaram o cenário da Educação Sexual escolar nessa década”.

3.1. O DISCURSO DA SEXUALIDADE NOS PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais)

Considera-se, o final do século XX um momento significativo para manifestação dos discursos referentes à Sexualidade nas escolas brasileiras. É neste período que ocorre a introdução da Educação Sexual nos documentos oficiais destinados às escolas, sendo nomeada de Orientação Sexual.

Desde a segunda metade dos anos 1990, as questões relativas à Sexualidade passaram a figurar como uma preocupação do Ministério da Educação (MEC). Foi assim que, em 1997, o MEC adotou a Educação Sexual como um tema transversal presente no ensino fundamental. A ação inauguraria, de maneira inédita, um verdadeiro chamamento para que os/as professores/as dos diferentes componentes curriculares assumissem, em suas aulas, a responsabilidade por uma orientação sexual. (CARDOSO; FERREIRA E SILVA; SILVA, 2016, p.02)

Vale ressaltar que, a categoria da terminologia utilizada nos PCNs *Orientação Sexual*, não embasa uma padronização do conceito. Conforme afirma Figueiró (1995) em sua pesquisa de estado da arte das publicações sobre a Sexualidade na realidade escolar de 1980 a 1993, 4 anos antes de se formular os PCNs (1997) “por vezes, os termos *orientação sexual, informação sexual e Educação Sexual* são considerados sinônimos”, mas, para a autora esta unificação dos termos é infundada.

Antes da elaboração dos PCNs com este tema transversal, já existiam críticas quanto ao termo *Orientação Sexual*, pois este, segundo Figueiró (1995), pressupõe que o educando seria um mero receptor de conhecimentos, informações ou orientações. Em 1995, esta mesma autora sugeriu em sua pesquisa, uma padronização nas publicações da época, referindo-se ao uso do termo *Educação Sexual* como o mais apropriado, pois este confere ao educando o caráter de sujeito ativo do processo de aprendizagem (FIGUEIRÓ, 1995 p.59).

Em 2007, outros autores pesquisadores do tema, expuseram sua averiguação quanto ao uso do termo *Orientação Sexual* como uma das categorias dos PCNs, nisto destacamos as afirmações de Dinis e Asinelli-luz (2007, p.06) que mostram haver uma divergência no uso do termo, sendo este apropriado para “se referir ao direcionamento do afeto no exercício da Sexualidade em relação a outro sujeito [...] Neste sentido não cabe, ‘orientar’ a Sexualidade, pois a orientação sexual do sujeito é uma construção histórico-social resultado de suas vivências singulares, que devem ser respeitadas.” (DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007, p.06). Desse modo, evidencia-se a preferência ao uso do termo *Educação Sexual*, onde evoca, segundo Altmann e Martins, que:

[...] nos movimentos sociais e, de modo geral, na bibliografia internacional, orientação sexual é um termo utilizado para indicar qual o sexo (masculino ou feminino) pelo qual uma pessoa sente-se atraída ou elege como objeto de desejo e afeto [...]. *Educação Sexual*, por sua vez refere-se a práticas educativas que têm a sexualidade como tema (2007, p.132).

Partindo dessa premissa, justifica-se a escolha do termo *Educação Sexual* presente neste trabalho, muito embora não seja este o conceito presente nos documentos oficiais citados (PCNs). Seguindo para um próximo aspecto, os PCNs apresentam a transversalidade como

caráter da proposta *Orientação Sexual* (Educação Sexual). Partindo da explicação conceitual no sentido literal da expressão “transverso ou transversal” segundo os autores Nunes e Silva (2000, p.63), corresponde ao significado oblíquo ou ainda “que atravessa”. Desse modo, entende-se que temas transversais caracterizam-se por “perpassarem o conjunto de matérias curriculares”.

Conforme críticas da autora Gagliotto (2014, p.58) a implantação e constituição dos PCNs quanto aos temas transversais, não ocorreram de forma democrática, pois “muitos outros conhecimentos ficaram à margem do currículo escolar e são tratados como tema transversal, entre eles, está a Orientação Sexual”. Entretanto, vale salientar que mesmo sendo transversal, a implantação da temática da Sexualidade nos documentos governamentais para a educação no Brasil foi, de certa forma, uma conquista.

Segundo o modelo de categorização do trabalho de Educação Sexual (Orientação sexual) nos PCNs, a proposta deveria ser desenvolvida pelo educador independente de sua área de formação, tendo como justificativa, o fato da inclusão da temática Sexualidade no currículo “por ser considerada importante na formação global do indivíduo” (BRASIL, 2000, p.111). No entanto, indaga-se em concordância a autora Gagliotto (2014), até que ponto a transversalidade para o tema Sexualidade teria sido positivo?

Os PCNs relatam que “é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de Sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando à construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema” (BRASIL, 2000 p. 123). Segundo Gagliotto (2014, p.60) seria essa uma “contradição de posicionamento”, pois, ora afirma que o ensino transversal do tema independe da área de atuação do educador, ora expõe a necessidade do educador ter acesso à formação específica para abordagem da Sexualidade. O que se deduz, conforme a autora referida, é que o profissional necessitaria de uma formação em Educação Sexual.

Estas análises conduziram Gagliotto (2014) à defesa da inclusão da Educação Sexual nos currículos das escolas, como também nos cursos de formação docente. Entretanto, ao observar o desenrolar deste tema no contexto escolar, conclui-se que a justificativa de sua inserção se deu

dentro de um contexto social, a fim de atender as demandas sociais no controle de doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS; além de gravidez precoce; abuso sexual; dentre outros. (BRASIL, 2000, p.114)

O que se encontra implícito na justificativa dos PCNs é que o trabalho de Orientação Sexual (Educação Sexual) evitaria problemas de saúde da população adquiridos na vida sexual, cada vez iniciada mais cedo e sem as devidas precauções. Estas seriam apresentadas aos sujeitos do ensino, como ações preventivas, integradas a uma Educação Sexual. Entretanto, conforme Louro (2016, p.85) “os estudantes não tem, racionalmente, outra escolha ao discutir a questão da AIDS e HIV com seus professores, que não a de darem respostas esperadas, em vez de se envolverem num diálogo franco, porque o ensino está, em geral, ligado a alguma forma de avaliação”.

Nota-se que a necessidade de atender a cultura da escola no que se trata a obtenção de respostas prontas, faz com que o ensino de fatos seja mais evidenciado do que a compreensão de questões íntimas (LOURO 2016). Vale salientar que, o “despreparo quanto à forma de abordagem do educador produz condutas discriminatórias e pouco reflexivas, o que colabora para a imposição de valores, mitos e crenças relativos à Educação Sexual” (SILVA e NETO, 2006 p.191).

As contribuições de Bonfim (2009, p.15) evocam que os PCNs e a inclusão da Orientação Sexual (Educação Sexual) como tema transversal trazem para a escola a legitimidade para dialogar sobre a Sexualidade, “mas os educadores não estão recebendo formação adequada para desenvolverem ações nesse sentido, no curso de licenciatura”. Silva e Neto (2006, p. 193) corroboram com este aspecto quando afirma que “os profissionais parecem não ter uma concepção integrada da Sexualidade, pois muitas vezes ela se encontra desvinculada de aspectos afetivos”.

Para que essas questões profissionais sejam sanadas, faz-se necessário que a universidade assuma a formação dos profissionais ao lado de programas oficiais. Para tal, é necessário além de outros fatores a sensibilização e a preparação dos docentes da educação superior que também não foram formados para o trabalho da temática. (NUNES E SILVA, 2006, p.195).

Entretanto, quando se esperava melhorias e organização a fim de preencher tais lacunas na Educação Sexual, tanto na formação quanto na prática docente, o que se fez notório na atualidade, foi à fragmentação do tema e um retrocesso no modo de abordagem presentes nas preliminares dos novos documentos oficiais que regeriam o processo de ensino na educação básica brasileira, a Base Nacional Comum Curricular, enfatizada em 2016.

3.2. O DISCURSO DA SEXUALIDADE NA BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR)

Nos dias 17 a 19 de junho de 2015, acontecia o I Seminário Interinstitucional para elaboração de nova proposta de documentos oficiais para a educação básica brasileira, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Em conformidade com o PNE (Plano Nacional de Educação) com metas decenais (2014 a 2024). Para atender a estas metas, caberia à elaboração da BNCC, a fim de, “definir direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que orientarão a elaboração dos currículos nacionais” (BRASIL, 2015, p.33) fundamentados nas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) visando à formação humana integral.

Os princípios do atual documento governamental (BNCC) se embasam em três pilares distintos: Ético, Político e Estético. O tópico que se refere ao direito à aprendizagem e ao desenvolvimento que se afirmam em relação a princípios éticos, apresenta em seu primeiro quesito que as crianças, adolescentes, jovens e adultos sujeitos da educação básica, “têm o direito ao respeito e ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras forma de discriminação” (BRASIL, 2015, p. 02) Neste fragmento, nota-se uma novidade quanto ao trato do conceito Orientação Sexual, sendo explícito que se refere à escolha que o indivíduo faz conforme ao seu direcionamento de afeto no exercício da Sexualidade em relação ao outro. O que difere da significação dada ao termo nos PCNs.

A BNCC define quais os elementos fundamentais que precisam ser ensinados nas áreas de conhecimento: Linguagens, Ciências da natureza e Humanas. Esta, além de organizar o currículo, também subsidia o PPP (Projeto Político Pedagógico) das escolas. Afirma que “os mais de dois

milhões de professores continuarão podendo escolher os melhores caminhos de como ensinar e como também quais elementos (a parte diversificada) precisam ser somados nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.” (BRASIL, 2016, p.30). No entanto, não mais dependerá das escolas determinar o que deverá ensinar em cada componente e seriação.

Na parte que trata da área das Ciências naturais no ensino médio, destacando a Biologia, a BNCC considera que nesta fase do ensino compete uma “ampliação das interfaces entre essa ciência nos processos e produtos tecnológicos e questões de âmbito social, político, ético e moral” (BRASIL, 2016, p.150). Assegurando que o jovem com o conhecimento conceitual em Biologia estará bem informado e será capaz de se

Posicionar e tomar decisões acerca de uma série de questões do mundo contemporâneo, que envolvem temas diversos, como: identidade étnico-social e racismo; **gênero, Sexualidade, orientação sexual e homofobia; gravidez e aborto;** problemas socioambientais relativos à preservação da biodiversidade e estratégias para desenvolvimento sustentável; problemas relativos o uso da biotecnologia tais como produção de transgênicos, clonagem de órgãos; terapia por células tronco (BRASIL, 2016, p.150 destaque da autora).

Neste novo documento oficial para a educação no Brasil, a Sexualidade não tem um espaço próprio, como era proposto pelos PCNs, embora com teor de transversalidade. Em vez de, a Educação Sexual galgar maior emancipação no currículo, o que se vê é uma proposta retrógrada que, nem ao menos, faz menção ao termo. A dimensão conceitual é evidente no atual documento, em detrimento da ampliação nas orientações sobre as demais áreas de formação do indivíduo. Segundo Louro (2016), a escola traz marcas no contexto de formação dos indivíduos, e esta construção está para além dos conteúdos programáticos, ela afirma que “as marcas que fazem lembrar-nos dessas instituições [as escolas], têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual” (LOURO, 2016, pág.18).

A Sexualidade e *Orientação Sexual* são consideradas na BNCC como temas diversos em que o ensino da Biologia possibilitará ao aluno posicionar-se diante destes. São citados, dentre outros temas, sem nenhuma especificidade, atenção ou discussão sobre como se dará tal abordagem para que se alcance o objetivo exposto. Ficando assim implícito, um retorno a uma abordagem

reducionista da Sexualidade, deixando evidente o aspecto médico-biologista quando a encerra na Biologia e cita *gravidez e aborto* como suas demais vertentes.

Ainda no ensino médio, etapa final da educação básica, a BNCC estipula os eixos de formação relacionados aos objetivos das áreas de conhecimento, onde se destacam: *Pensamento crítico e projeto de vida*, o qual propõe que os estudantes tenham atitude questionadora frente aos problemas sociais assumindo o protagonismo em relação aos desafios contemporâneos projetando expectativas em relação a sua vida pessoal, acadêmica e profissional a partir da análise crítica de fatos e situações (BRASIL, 2016 p.493); e o eixo que corresponde à *Solidariedade e sociabilidade*, o qual pretende que os sujeitos assumam compromissos com relação à coletividade e aos processos de construção de identidade, reconhecendo e acolhendo as diferenças; adotando uma postura sensível diante da vida e das relações sociais (BRASIL, 2016 p.494).

Essa descrição pautada no novo modelo de aprendizagens e desenvolvimentos nas Ciências naturais, especificamente à Biologia, apresenta dimensões que requerem uma abordagem da Educação Sexual no contexto escolar, e não deixa-la à parte. Não se pode ignorar o fato de que, ao se pensar na formação integral do sujeito, a Sexualidade e suas dimensões precisam ser validadas, pois a mesma constitui-se como inerente à vida e seus contextos.

No tópico referente aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Ciências nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), presente na BNCC, na unidade que aborda a *Vida: Constituição e Evolução* contemplam as diferentes formas de vida, como são constituídas e reproduzidas, faz menção as estruturas e órgãos concedendo ao 8º ano o objetivo de “relacionar as dimensões orgânicas, culturais, afetivas e éticas na reprodução humana, implicando em cuidados, sensibilidade e responsabilidade no campo da Sexualidade, especialmente a partir da puberdade.” (BRASIL, 2016 p.447).

Ao ter acesso a este documento oficial para educação brasileira, no século XXI, depara-se com uma realidade um tanto deprimente e que requer manifestações e posturas de diferentes vozes, na tentativa de promover o resgate dos avanços da Educação Sexual, construídos a duras mos no

século passado. Não dá para simplesmente, ignorar tal percurso da Educação Sexual na sociedade com seus avanços no discurso.

Concordamos com Arroyo (2016, p.20) quando explicita que “os currículos e as diretrizes curriculares esqueceram que são a síntese da cultura e se empobreceram ao limitar-se a transmitir conteúdos de aprendizagem, habilidades, domínios avaliáveis e quantificáveis. O C do MEC não é mais de Cultura, mas de Conteúdos”.

A presença dos temas integradores, a saber: *Economia, Educação Financeira e Sustentabilidade; Culturas africanas e indígenas; Culturas Digitais e Computação; Direitos Humanos, Cidadania e Educação Ambiental*, presentes na BNCC têm como objetivo principal está atrelado aos componentes de ensino. O que se deduz constituírem o que antes se chamava de temas transversais, como explicita o fragmento: “esses temas expressam compromissos formativos centrais, percebe-se que cada um deles, por *atravessar* vários componentes curriculares e objetivos de aprendizagem do ensino médio, presta-se muito bem à efetivação de ações integradoras” (BRASIL, 2016 p. 495- grifo nosso).

Se o intuito dos temas integradores é possibilitar ao estudante fazer as correlações e síntese que lhe permitam dar sentido e unidade ao mundo em que vive, então, torna-se inadmissível a exclusão da Educação Sexual, ao menos deveria estar inserido como um tema integrador, já que na história da educação brasileira nunca lhe foi concedido e mantido privilégios.

Caberia a reflexão que, se antes se opunha a uma Educação Sexual transversal e ao mesmo tempo ignorada pelas instituições, estando presente em algumas realidades escolares com experiências locais e pontuais, mas que de certa forma, era mencionada. O que dizer, diante do “silêncio” ocasionado pela ausência do conceito na BNCC, onde se afirma tratar da formação integral do indivíduo? Se com os PCNs propondo uma travessia do tema Sexualidade nas disciplinas do currículo, havia escassez do discurso nos cursos de formação docente, o que esperar quando a BNCC não evidencia a Educação Sexual não lhe dando espaço para sua efetivação no currículo?

Resta-nos, para o final deste capítulo, apoderar-nos da seguinte afirmação do autor Arroyo (2016).

Um traço lamentável persistente nos documentos, diretrizes outorgadas do alto: não ver a realidade vivida nem pelos destinatários educando, nem pelos educadores. Ambos são vistos-nem vistos- apenas destinatários sem rosto, sem vida, amorfos de políticas e diretrizes. Quando esses corpos interrogantes são ignorados, o pensamento educacional se perde. (ARROYO, 2016, p.18).

A valorização integral dos seres que ocupam as instituições de ensino está para além da transmissão e recebimento de conteúdos, mas sim, quando os projetam e os aproximam, de fato, dos aspectos que integram seu cotidiano e relações. Manter a Sexualidade à parte do discurso educacional (ou ao menos tentar mantê-la) constitui-se numa fragmentação, o que interfere na busca pela formação integral do sujeito.

4. A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DA LICENCIATURA: Formação de professores de Ciências e Biologia

Neste capítulo, pretende-se trazer uma discussão a respeito da atenção que é concedida aos estudos sobre Sexualidade e Educação Sexual no curso de formação docente, tendo como parâmetro a Licenciatura em Biologia. Apesar de termos evidenciado nos capítulos anteriores, o fato deste tema ser considerado de caráter transversal, segundo os PCNs, nos afixaremos nos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia, por ser esta a área de atuação da presente autora. Portanto, foi feita uma análise partindo de uma vivência, relacionando-a com uma realidade ainda mais abrangente que afeta a formação de professores de Ciências e Biologia.

Buscou-se para este capítulo, uma reflexão sobre o espaço que é dado aos estudos sobre a Sexualidade e Educação Sexual, nos cursos de Licenciatura em Biologia de algumas das principais universidades estaduais e federais do estado da Bahia, fazendo-se um levantamento a partir da análise dos ementários das seguintes universidades: UFBA, UEFS, UESC, UNEB e UFRB.

Universidades Baianas	Campus e ano de início do curso	Nomenclatura do Curso	Carga horária total do curso	Semestres	Turno
UFBA	Salvador 1946	Licenciatura em Biologia	3.226	8-9	Noturno ou diurno
UEFS	Feira de Santana 1987	Licenciatura em Ciências Biológicas	3.645	9-14	Diurno
UESC	Ilhéus 1999	Licenciatura em Ciências Biológicas	3.935	8-12	Noturno
UNEB	Alagoinhas 2004	Licenciatura em Ciências Biológicas	3.355	8-12	Diurno
UFRB	Cruz das Almas 2008	Licenciatura em Biologia	2.818	8-16	Noturno

TABELA 2: Perfil Geral das Licenciaturas analisadas em seus respectivos *Campus*. (Elaboração: BESSA, Katiane, 2017)

À priori, foi traçado um perfil geral dos cursos de Licenciatura em Biologia nas universidades citadas, apresentando alguns dados obtidos nos PPCs (Projeto Político Curricular) das mesmas,

os quais foram dispostos na TABELA 2, onde foi possível evidenciar, tempo de implantação do curso, carga horária total, duração, dentre outros. Ao traçar um perfil dos cursos de Licenciatura em Biologia nas principais universidades públicas da Bahia, teve-se o intuito de situar algumas possíveis especificidades de cada realidade universitária, em seguida, relacionar com a ênfase que é concedida à abordagem da Sexualidade e Educação Sexual nas diversas matrizes curriculares analisadas.

Vale ressaltar que, o Projeto Político Curricular, determinado pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, para comporem os cursos de graduação, teve como uma das principais razões para sua inserção, a conquista de uma autonomia universitária que possibilita a adoção de alternativas acadêmicas flexíveis, bem como, a decisão político-institucional de optar por um projeto que venha a atender os anseios e as expectativas da comunidade acadêmica e da sociedade em geral.

Desse modo, ao se pensar nos componentes curriculares da matriz do curso, sendo este um item importante do PPC, destaca-se a necessidade de suprir as expectativas tanto da comunidade acadêmica quanto da sociedade. Nisto, compreende-se o fato de se pensar num currículo que seja capaz de “suprir” e não de “suprimir” conceitos e assuntos tão importantes para formação de professores de Ciências e Biologia, destacando-se a Sexualidade e Educação Sexual.

Os PCNs trata da transversalidade do tema, o que deveria perpassar o currículo escolar, entretanto conforme Neto e Silva (2006 p. 195) “se já é difícil que o professor de Ciências biológicas assuma o trabalho com Educação Sexual em todas as suas dimensões, o que dizer em relação aos professores de áreas diferentes, distantes da temática na sua formação inicial?” Portanto, muito embora não seja função única e exclusiva do professor de Ciências e Biologia a abordagem deste tema, sabe-se que este acaba por fazer inferências direta ou indiretamente sobre a Sexualidade humana e isto, torna-se um saber necessário para estudos durante a sua formação.

A seguir, a TABELA 3, contém uma análise sintetizada dos ementários dos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia, dando ênfase ao espaço que é concedido aos estudos da Sexualidade e Educação Sexual no currículo dos cursos universitários, a fim de preparar o futuro docente quanto o desenvolvimento deste tema em sua prática profissional. Considera-se ser este

um tema imprescindível para o contexto escolar, já que a escola, como contribui Louro (2013 p.135) é um dos principais ambientes em que “as questões de Sexualidade estão presentes constantemente no relacionamento entre os indivíduos”.

Para esta análise utilizou-se a categorização da abordagem como sendo de forma INDIRETA quando se evidencia os aspectos biológicos, o que o autor Nunes *apud* Gagliotto (2014) considera uma abordagem do tipo *médico-biologista*. Por sua vez, categorizou-se o tipo de abordagem DIRETA para caracterizar uma abordagem que esteja para além dos aspectos biológicos e preventivos, mas que se amplia numa concepção integrada da Sexualidade vinculada aos aspectos afetivos. Vale destacar, a utilização das siglas *Op* e *Obr* para indicar o caráter obrigatório ou optativo de cada componente, sendo importante frisar quais são os principais assuntos tratados e descritos nas ementas de cada disciplina.

Universidade	Componentes curriculares	Carga horária	Assuntos principais	Forma de abordagem
UFBA	Fisiologia Animal Comparada (Obr.)	68h	Processos fisiológicos e endocrinologia da reprodução	Indireta
	Anatomia I (Obr.)	51h	Constituição geral do corpo e estudo dos sistemas (Reprodutor)	Indireta
	Biologia Social (Op.)	68h	Papel do sexo na natureza	Direta
	Sexualidade e Educação (Op.)	68h	Sexualidade humana em seus aspectos bio-psico-sociais e suas manifestações nas diferentes fases da vida. Orientação e Educação Sexual para crianças, adolescentes e adultos.	Direta
UEFS	Bioética (Obr.)	30h	Direitos humanos; Reprodução assistida; AIDS; Responsabilidade moral	Direta
	Anatomia Humana (Obr.)	45h	Organização morfofuncional do corpo e seus sistemas (Reprodutor)	Indireta

	Fisiologia Humana (Obg.)	60h	Funcionamentos dos sistemas do corpo (Reprodutor)	Indireta
	Sexualidade e Educação (Obg)	60h	Sexualidade humana em seus aspectos biopsicossociais e suas manifestações nas diferentes fases da vida. A prática docente em Educação Sexual	Direta
UESC	Anatomia e Fisiologia Humana (Obg.)	60h	Constituição dos sistemas do corpo incluindo o Reprodutor	Indireta
	Psicologia da Adolescência (Obg.)	60h	Aspectos biológicos emocionais, sexuais, psicossociais e cognitivos da adolescência	Direta
UNEB	Fisiologia Animal Comparada (obr.)	90h	Dinâmica do funcionamento e controle das funções reprodutivas.	Indireta
UFRB	Fisiologia Humana (Obg.)	68h	Estudos dos sistemas do corpo (Reprodutor)	Indireta
	Anatomia Humana (Obg.)	68h	Visão Geral do sistema genital e suas funções	Indireta
	Educação Sexual* (Op.)	34h	História da Sexualidade no Brasil; Sexo seguro e sua importância.	Direta

TABELA 3: Análise de ementários dos componentes curriculares dos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia de principais universidades baianas e as formas de abordagens (Direta ou Indireta) sobre a temática Sexualidade. (Elaboração: BESSA, Katiane, 2017)

Segundo explícito na TABELA 3, as disciplinas que realizam uma abordagem DIRETA da Sexualidade e da Educação Sexual, geralmente estão dispostas como disciplinas *optativas (Op.)*,

como ocorrem nas licenciaturas em Ciências biológicas da UFBA e UFRB. Sendo diferente na UEFS, em que 50% das disciplinas apresentam uma abordagem DIRETA sobre a Sexualidade e Educação Sexual e 50% INDIRETA, porém ambas, compõem a matriz totalizando quatro disciplinas *obrigatórias (Obr.)*. A UESC apresenta-se no mesmo padrão percentual que a UEFS, entretanto, reduz-se o número de disciplinas que contemplam o respectivo tema, sendo no total de duas, apenas. Por sua vez, a UNEB realiza uma abordagem unicamente INDIRETA.

Ao observar estes dados, comprova-se o que os autores Neto e Silva (2006 p.196) afirmam quanto ao fato de que professores quando mencionam as questões voltadas a Sexualidade e Educação Sexual durante sua prática docente, o faz com insegurança, não sabendo lidar, em sua grande maioria, com a temática a partir dos saberes dos alunos. “A preocupação não está direcionada a ouvi-los, mas em transmitir-lhes informações” postura esta que reduz e simplifica a Sexualidade, privilegiando um enfoque *médico-biologista*, em que “predomina o discurso do medo e da doença, sem dá amplitude à questão da Sexualidade”. (NETO e SILVA, 2006).

Segundo a autora Gagliotto (2013, p.53) “a Educação Sexual na escola ainda é parcial e deficitária” considerando posturas e práticas docentes, na maioria, retrógradas, controladoras e repressoras. Pois, tratar deste tema desperta em grande parte dos profissionais, medo, sentimento de despreparo, vergonha, insegurança e falta de confiança. Isso o remete a ações profissionais norteadas por valores pessoais com seus limites, o que contribui por obstaculizar a implantação de um discurso integrado sobre a Sexualidade.

O despreparo profissional sugere o desenvolvimento de posturas discriminatórias e pouco reflexivas, o que afasta cada vez mais este tema tão importante do discurso livre e isento de tabus e mitos. Atualmente, quando se esperava por melhorias na inserção de uma abordagem integral sobre Sexualidade e Educação Sexual nos ambientes de ensino, principalmente nos cursos de formação docente, o que se vê é um retrocesso.

Enquanto a nova BNCC, como vimos anteriormente, mantém a proposta de formação integral do ser humano, esta, não insere no novo currículo uma abordagem direta da Sexualidade e Educação Sexual, explicitando uma negligência ao tema partindo dos documentos oficiais. Ao observar

estes fatos, percebe-se um distanciamento aos estudos a respeito deste tema inerente à vida, o que isenta a maioria dos profissionais, a atuarem de forma mais consciente e esclarecedora possível na abordagem sobre a Sexualidade.

4.1. AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A ABORDAGEM SOBRE SEXUALIDADE

As DCNs para cursos de graduação em Licenciatura Plena, na Resolução CNE/CP 2/2002 que organiza a carga horária e duração dos cursos, apresenta em seu parecer CNE/CP 28/2001 o princípio da priorização de uma formação de qualidade, que visa à formação profissional baseada no “saber crítico e competente, que se vale de conhecimentos e experiências” (Brasil 2001, p. 12) não apenas que se detenha nos parâmetros criteriosos de duração e carga horária, mas que seja ofertado uma licenciatura capaz de pensar na integralidade da formação.

Esse documento explicita o caráter autônomo da universidade na montagem de seu currículo, sendo ofertada pelas diretrizes uma carga horária mínima como parâmetro. Quando ocorre “aumento da carga horária e a mobilidade dos componentes curriculares, engloba-se a autonomia dos sistemas de ensino e dos estabelecimentos de ensino superior.” (Brasil 2001, p.14)

Desse modo, fica designado à universidade e suas licenciaturas, a função de estruturar, dentro das diretrizes gerais, o perfil e padrão de seus cursos, atendendo aos aspectos descritos no fragmento abaixo:

[...] cabe a cada curso de licenciatura, dentro das diretrizes gerais e específicas pertinentes, dar a forma e a estrutura da duração, da carga horária, das horas, das demais atividades selecionadas, além da organização da prática como componente curricular e do estágio. Cabe ao projeto pedagógico, em sua proposta curricular, explicitar a respectiva composição dos componentes curriculares das atividades práticas e científico-acadêmicas. Ao efetivá-los, o curso de licenciatura estará materializando e pondo em ação a identidade de sua dinâmica formativa dos futuros licenciados. (Brasil, 2001, p.14)

Segundo os DCNs, cabe a universidade a elaboração de seu PPC e nele explicitar a composição de sua grade curricular com distribuição da carga horária de cada componente. O que se pretende com as observações feitas das diretrizes é propor um repensar no currículo do curso de

licenciatura, especificamente de formação de professores de Ciências e Biologia. Neste repensar, sugere-se, neste trabalho, a inclusão de disciplinas de caráter obrigatório, que tratem da Sexualidade e Educação Sexual de forma direta, a fim de preparar o profissional a explorar novas ideias para sua prática, favorecendo uma abordagem cuidadosa e ética da Sexualidade na educação. (LOURO, 2016 p.86)

Vale ressaltar, ao falar de componentes curriculares, que nas pesquisas dos ementários (TABELA 3), constatou-se a presença da disciplina *Sexualidade e Educação* na Licenciatura em Ciências biológicas da UEFS, sendo esta, de caráter obrigatório e com carga horária de 60h, tendo como assuntos principais a Sexualidade humana em seus aspectos biopsicossociais e suas manifestações nas diferentes fases da vida, além de conceder espaço para estudos da prática docente em Educação Sexual. Não podemos ignorar a presença da disciplina *Psicologia da Adolescência*, presente na matriz da licenciatura em Ciências biológicas da UESC, sendo também de caráter obrigatório, com carga horária de 60h, abordando aspectos biológicos emocionais, sexuais, psicossociais e cognitivos da adolescência. Estes resultados, considerados positivos, podem ser tomados como parâmetros para outras realidades universitárias.

Caberia, para pesquisas posteriores, dá continuidade a este estudo e conhecer o andamento e resultados do trabalho desenvolvido por estas universidades quanto à formação do Licenciando em Ciências Biológicas e sua preparação para a abordagem da Sexualidade em sua futura prática docente.

4.2 UM OLHAR PARA A LICENCIATURA EM BIOLOGIA DA UFRB

Nossa atenção, a partir de então, foi direcionada para a UFRB, local de formação da presente autora da pesquisa. E iniciaremos tratando da caracterização do campus de Cruz das Almas e de seu curso de Licenciatura em Biologia.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia foi criada pela Lei 11.151 de 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia. Com sede e foro na Cidade de Cruz das Almas e unidades instaladas em outros Municípios do Estado

da Bahia, é uma Autarquia com autonomia administrativa, patrimonial, financeira e didático-pedagógica, e oferece atualmente 22 cursos de graduação.

O curso de Licenciatura em Biologia da UFRB é parte do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, sediado em Cruz das Almas, e foi criado em 25 de julho de 2007, sendo que, recentemente, obteve reconhecimento pelo MEC, atingindo nota 4 (Portaria Nº 133, de 27 de julho de 2012). Este curso funciona no período noturno e tem carga horária total de 2.818 horas, distribuídas em 8 semestres. O ingresso se dá através do SISU, com 40 vagas por semestre.

O Projeto Político Curricular do curso de Licenciatura em Biologia evidencia que entre as dificuldades encontradas para a melhoria da qualidade da educação no Brasil destaca-se o preparo inadequado dos professores cuja formação de modo geral, manteve predominantemente um formato tradicional, que não contempla muitas das características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente.

Ainda salienta que:

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas tem como objetivos formar profissionais que exerçam a atividade docente na educação básica em Ciências Naturais e Biologia, conscientes da sua responsabilidade social, com visão crítica e espírito solidário, preparados para desenvolver ideias inovadoras e ações estratégicas, capazes de atuar com responsabilidade e qualidade em prol da conservação da biodiversidade, políticas de saúde, meio ambiente, bioprospecção, biossegurança e gestão ambiental, tanto nos aspectos educacionais quanto técnico-científicos. Além disso, é objetivo desse curso, formar profissionais comprometidos com os resultados de sua atuação, pautando sua conduta profissional por critérios humanísticos; compromisso com a cidadania e rigor científico, bem como por referências éticas e legais, com capacidade de se tornar agente transformador da realidade presente, na busca da melhoria da qualidade de vida e apto a atuar na multi e interdisciplinaridade, adaptável a dinâmica do mercado de trabalho e às mudanças contínuas do mesmo. (Projeto Político Curricular- Licenciatura em Biologia-UFRB 2008)

No percurso desta pesquisa, foi revisado o Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Biologia da UFRB, onde se encontra descrito o principal objetivo de estudo da Biologia, o qual

se refere ao estudo do fenômeno da vida em toda sua diversidade de manifestações. Nas linhas que seguiram durante a leitura do PPC, percebeu-se a dificuldade em desassociar os objetivos da licenciatura com os do bacharelado, o que foi comprovado com a presença de objetivos mantidos similares, o que se manifesta como inadequado já que as funções são distintas no exercício da profissão.

As dimensões dadas no PPC à preservação ambiental, a conservação e a sustentabilidade são nítidas. Enfatiza-se a necessidade da compreensão pelo cidadão de sua “função ecológica” e a consciência de seu papel na condução do mundo moderno. Justifica-se que o campus onde está inserido o curso, propicia aos estudos dos aspectos ambientais da Biologia, como mostra o trecho retirado do PPC:

[...] a criação de processos que visem a recuperação desses ecossistemas e, sobretudo, avaliem e proponham novas estratégias de relacionamento das comunidades do recôncavo com a natureza, são urgentes e necessitam de profissionais capacitados que conciliem os conhecimentos científicos e a habilidade de interferir junto à população. A formação de educadores em Ciências Biológicas poderá funcionar com um instrumento eficiente na disseminação da consciência ambiental entre a população jovem das comunidades do recôncavo e alterar concomitantemente tais hábitos, culturalmente bastante estabelecidos. (Projeto Político Curricular- Licenciatura em Biologia- UFRB 2008)

No tópico que enfoca as capacidades obtidas pelo egresso, das sete competências listadas, três são direcionadas aos aspectos ambientais, a saber:

Ao final do curso o profissional terá a capacidade de [...] atuar em projetos de Educação Ambiental; orientar a elaboração e execução de projetos de Educação Ambiental e outros que visem a melhoria da qualidade de vida e preservação do meio ambiente; interagir com a comunidade na qual está inserido visando detectar necessidades e carências relacionadas a problemas ambientais, sanitários e nutricionais, propondo ações que possam reduzi- los ou eliminá-los, tanto no ambiente escolar quanto extra-escolar[...] (Projeto Político Curricular- Licenciatura em Biologia- UFRB 2008)

Esta evidência dada aos aspectos ambientais no PPC faz uma projeção no currículo quando se destaca as disciplinas obrigatórias Educação Ambiental (ANEXO), com a carga horária de 51h, além de Ecologia Geral (68h) e Práticas Educacionais em Ecologia (68h).

O objetivo destas análises permeia o fato de que a negligência ao tema Sexualidade e Educação Sexual começa, nos próprios documentos oficiais do curso. Salienta-se que, nos PCNs, a Educação Ambiental é tratada com o mesmo caráter da Educação Sexual (orientação sexual), ambas são temas transversais. Entretanto, no campo de formação docente, especificamente no curso de Licenciatura em Biologia da UFRB, a Educação Ambiental sobressai à Educação Sexual.

O curso de Ciências Biológicas visa contribuir para diminuir a carência de educadores nessa região, otimizando a utilização dos recursos naturais com rigor legal e sustentabilidade, atuando em conjunto com as comunidades ali presentes, participando ativamente na melhoria da qualidade de vida de sua população e desenvolvimento humano e ambiental dos municípios do recôncavo. (Projeto Político Curricular- Licenciatura em Biologia- UFRB 2008)

Ao analisar o ementário da Licenciatura em Biologia da UFRB, encontrou-se nas disciplinas de caráter optativo, uma disciplina chamada *Educação Sexual*, com carga horária de 34h, onde os assuntos abordados constituíam na história da Sexualidade no Brasil; Sexo seguro e sua importância. Nenhuma menção foi dada a Sexualidade na prática de ensino, nem aos aspectos biopsicossociais da Sexualidade.

Não obstante, ao aprofundar-se na pesquisa quanto à oferta desta disciplina inserida no currículo desde 2008, averiguou-se que nunca houve abertura para matrícula de discentes. Desde então, ela apenas consta na lista de disciplinas, mesmo estando inativa. Não há docente para o exercício desta função. Restando para este curso na UFRB, apenas a existência de abordagens indiretas (categoria vista anteriormente) sobre o tema, perpassando as disciplinas de Anatomia e Fisiologia Humana com os meros esforços do docente responsável por estas disciplinas, que em uma de suas falas, numa conversa informal, se denomina “interessado” pela temática Educação Sexual e suas possíveis vertentes.

Na Resolução CNE/CES 1.301/2001 para os cursos de formação em Ciências Biológicas em seu parecer traçou-se o perfil do licenciado. No entanto, foi observada nos documentos uma generalização entre o Bacharelado e a Licenciatura. As designações ao bacharel foram usadas como parâmetros para o licenciado. Sendo observada a ausência de qualquer termo que trouxesse valorização à Educação Sexual e que a estendesse a espaços cada vez mais amplos na licenciatura.

De acordo com a autora Gagliotto (2014, p.61 e 62) “a complexidade da Sexualidade exige uma formação teórico-metodológica profunda”. Tendo como defesa, “o fato de ser a favor da inclusão da disciplina Educação Sexual nos cursos de formação de professores.” Portanto, sugere-se uma reflexão sobre o curso de Licenciatura em Biologia que temos e o curso que queremos, onde, o que se tenha por prioritário seja uma formação integral do profissional de Ciências e Biologia em todos os seus aspectos, abolindo o perfil fragmentário na sua formação.

5. REFLEXÕES FINAIS: POR UM DISCURSO DE SEXUALIDADE EMANCIPATÓRIA

Vimos no decorrer desta pesquisa à Sexualidade permeando várias instâncias e diferentes cenários ao longo da história. Diferentes áreas utilizaram da Sexualidade como mecanismo de poder. A igreja, a medicina, a política voltada à demografia e seus aspectos econômicos, a escola como local de manifestação das intenções políticas, também influenciada pela Sexualidade moralista presente na época.

Acompanhamos neste estudo, o romper do discurso sobre a Sexualidade em meio às repressões e pudores existentes em diferentes épocas. Até nos depararmos com a sua inserção, mesmo que deficitária, nos documentos oficiais no século passado, além da atual frustração que estes trouxeram, em não conceder ao tema Sexualidade uma maior atenção no currículo.

Em meio a tantas instâncias, não se pode negar que as conversações a respeito da Sexualidade se alastraram, principalmente nos ambientes escolares, tornando-se nítido a importância de sua inserção no discurso de forma qualificada. Para isso, após este estudo, foi observada a necessidade da preparação docente quanto este aspecto, ainda em sua formação, para que se tornem aptos a tratar sobre a Sexualidade despojando-se dos tabus, mitos e preconceitos.

Tal responsabilidade recai principalmente sobre os docentes de Ciências e Biologia por abordarem em seus conteúdos o estudo do sistema reprodutor, e isso, muitas vezes os torna alvos das indagações a respeito da Sexualidade de forma integral, incluindo a afetividade e sentimentos e não apenas sendo entendida fragmentada em abordagens do tipo *médico-biologista*.

Esta Sexualidade abordada em sua integralidade compõe o conceito de uma Educação Sexual emancipatória, sendo entendida na totalidade do ser humano, envolvendo sensações e sentimentos, transcendendo a parte biológica, não reduzida à união genital, nem funcionalidade dos órgãos reprodutores, mas ao conjunto dos relacionamentos. (GAGLIOTTO, 2014 p.143). Entende-se o termo emancipatório, como um “conceito de autonomia, de amadurecimento, de plenitude educacional, cultural, ética, estética, política, pedagógica, dos cidadãos e da escola, dos educadores, dos alunos, da sociedade, da cultura” (NUNES, 2003, p.12)

Entretanto, sabe-se que o alcance de uma Educação Sexual emancipatória é obstaculizado pelas condições histórico-institucionais no Brasil, que aplacam o desenrolar de estudos da Sexualidade de forma biopsicossocial, o que reduz este novo modelo como sendo utopia, pois para inserir-se de fato, faz-se necessário uma mudança nos padrões sociais. Porém, mesmo diante deste empecilho, acredita-se ser possível o romper da inercia, minimamente de forma gradual.

Esta análise reflexiva realizada reconhece os limites deste estudo, pois ele não esgota as problemáticas e os questionamentos existentes. No entanto, por meio deste, novas motivações geraram as forças que impulsionarão a luta por uma Sexualidade e Educação Sexual emancipatória, que projete um novo perfil de sociedade, a qual se pretende alcançar.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares** In: Estudos Feministas. Vol. 9, N. 2/2001, pp575-585. Florianópolis, SC, UFCS/ CFH/CCE. 2001.
- ALTMANN, Helena; MARTINS, José Carlos. **Políticas da Sexualidade no Cotidiano Escolar**. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio (org.). **Cotidiano Escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.
- ARROYO, Miguel G.. **Corpos resistentes produtores de culturas corporais. Haverá lugar na Base Nacional Comum?** Motrivivência, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 15-31, set. 2016. ISSN 2175-8042.
Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/46291>>. Acesso em: 30 mar. 2017: <http://dx.doi.org/10.5007/46291>.
- BONFIM, Claudia Ramos de Souza (2009). **Educação Sexual e formação de professores de Ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades** (Tese de Doutorado). Campinas, SP: FE/UNICAMP.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: vol.10- Pluralidade Cultural e Educação Sexual**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento preliminar. MEC. Brasília, DF, 2015.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas**. Resolução CNE/CES 1.301/2001, de 06 de novembro de 2001.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96 de 20 de novembro de 1996.
- _____. **Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014.
- _____. CNE.Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP 21/2001**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, de 02 de outubro de 2001.
- CARDOSO, Frederico Assis; SILVA, Apolônia de J. Ferreira; SILVA, Patrick Santos. **Uma Análise dos PCN Orientação Sexual Dezoito Anos Depois**. CADERNOS DE PESQUISA: PENSAMENTO EDUCACIONAL, v. 11, n. 28, p. 211-225, 2016.
- DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educar em Revista, [S.l.], n. 30, p. p. 77-87, dez. 2007. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/11378>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual.** Cad. Pesq., São Paulo, n.98, p.50-63, ago. 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Mara Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. .2.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na escola e a Pedagogia da infância: Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias.** Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LOURO, Guacira Lopes (Organizadora). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva- 3. Ed.;2.reimp.**Belo Horizonte: Autentica editora, 2016

NUNES, Cesar Aparecido. **Educar para Emancipação.** Florianópolis/SC: Sophos,2003.

NUNES, Cesar Aparecido; Silva, Edna. **A Educação Sexual das crianças.** Campinas, Autores Associados, 2.000. (Polêmicas do nosso tempo;72)

PPC. **Projeto Político Curricular.** Curso de Ciências Biológicas. Modalidade Licenciatura.; 2008, 46pp.

SILVA, R. C. P; MEGID Neto, J. **Formação de professores e educadores para abordagem da Educação Sexual na Escola: o que mostram as pesquisas.** Ciência E Educação, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

Ementas consultadas disponíveis em:

UFBA

<https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ListaDisciplinasEmentaPublico.do?cdCurso=202120&nuPerCursoInicial=20141>

UNEB

<http://www.uneb.br/alagoinhas/dcet/ciencias-biologicas/disciplinas/>

UEFS

<http://www1.uefs.br/portal/colegiados/ciencias-biologicas/licenciatura/componentes-curriculares-obrigatorios>

UESC

http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/ciencias_biologicas/index.php

UFRB

<https://www.ufrb.edu.br/biolic/documentos/category/4-matriz-curricular>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
 COORDENADORIA DE ENSINO E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
 NÚCLEO DIDÁTICO PEDAGÓGICO
 - PROJETO PEDAGÓGICO -

Processo nº Fls.

Rubrica:

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR
Quadro Curricular

Formulário
Nº 09

SEM I	SEM II	SEM III	SEM IV	SEM V	SEM VI	SEM VII	SEM VIII
Biologia celular e molecular (85)	Histologia e Embriologia (68)	Sociologia e Antropologia da Educação (68)	Organização da Educ. Bras e Políticas Públicas (68)	Ecologia geral (68)	Práticas educacionais em ecologia (68)	Estágio supervisionado III (102)	Estágio supervisionado IV (102)
Morfologia e anatomia de angiospermas (68)	Anatomia humana (68)	Informática aplicada à educação (34)	Genética geral (68)	Evolução (34)	Educação ambiental (51)	Oficina de ensino em biologia (68)	TCC (34)
Filosofia da educação (68)	Sistemática Vegetal (85)	Bioquímica (85)	Didática (68)	Zoologia dos vertebrados (85)	Microbiologia (68)	Geologia e Paleontologia (68)	Optativa III (68)
Matemática para Biologia (51)	Psicologia educacional (68)	LIBRAS (51)	Zoologia de invertebrados (102)	Estágio supervisionado I (102)	Fisiologia Vegetal (85)	Pesquisa em educação (51)	Optativa IV (68)
Fundamentos de química (68)	Física (51)	Fisiologia humana (68)	Avaliação e Educação (34)	Optativa I (34)	Estágio supervisionado II (102)	Optativa II (34)	
Atividades Complementares (200)							

